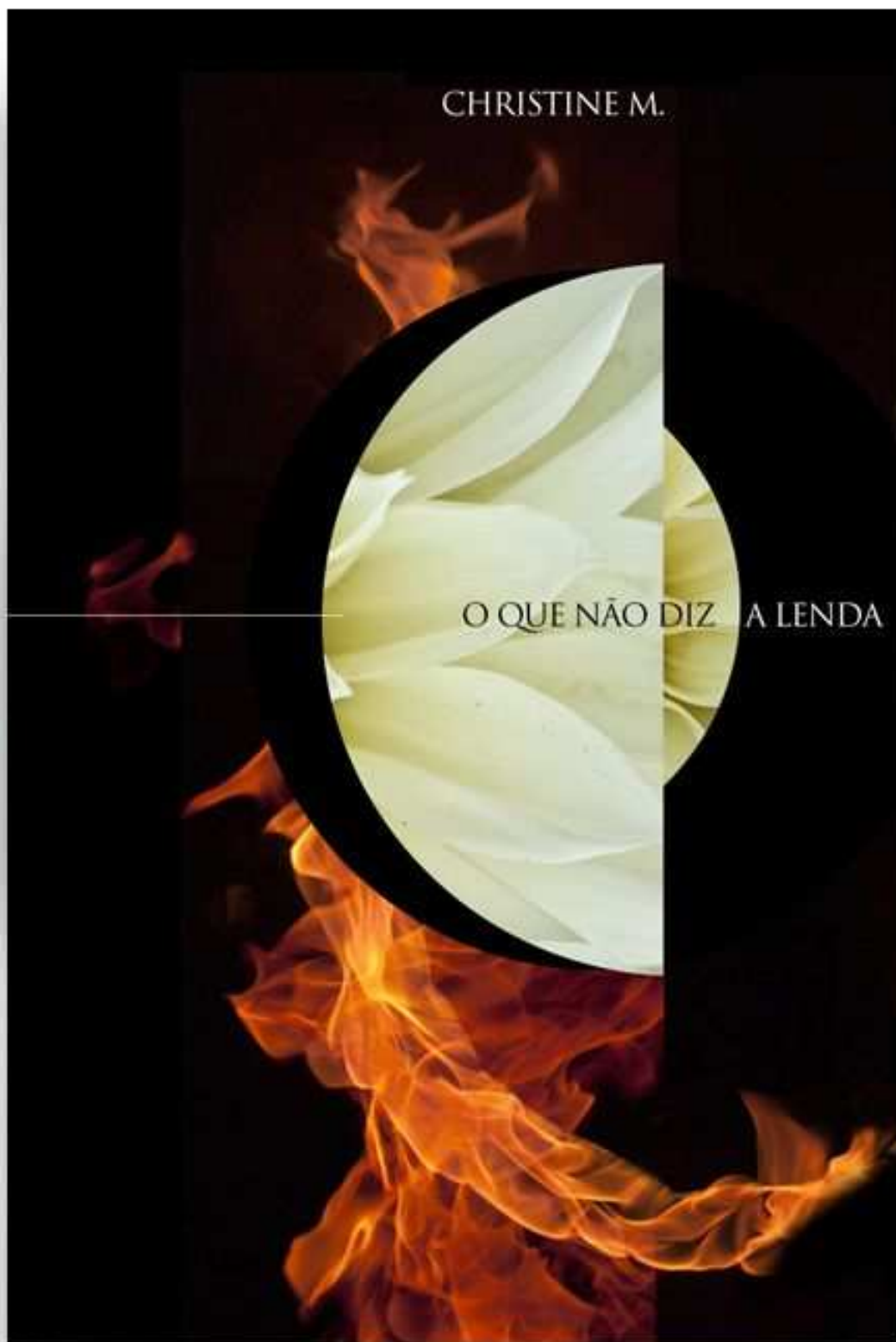


CHRISTINE M.

O QUE NÃO DIZ A LENDA



Livro I

Antes do fim.

Você pode tentar ignorar o seu passado, imaginar o seu futuro de maneira despretensiosa ou até mesmo acreditar que a vida é apenas uma sequência de dias. Você pode tentar fazer tudo isso para calar a sua própria voz, para sufocar tudo o que você pensa e sente. Mas isso que lateja dentro de ti e que você não conhece o nome, um dia virá à tona e não há como escapar. Porque não se foge da própria história. Não se pode fugir de si mesmo. Nunca!

Prólogo.

O meu nome é Alice e, acredite, eu não estou no país das maravilhas.

O mundo é bem diferente do que costumava ser. Não que eu tenha alguma lembrança que não seja o caos de hoje, mas sou historiadora e, inevitavelmente, conheço o passado.

Tudo começou como um boato descabido, uma teoria conspiratória inventada por cientistas treloucados. Adoraríamos que fosse, mas a verdade é que as forças da natureza não pertencem mais ao equilíbrio do universo. Décadas atrás, o governo Americano contratou cientistas, físicos e quem mais podia a fim de criar a arma mais poderosa de que já se tivera notícia: o controle das forças que, até então, eram ditas naturais. Através de estímulos nas placas tectônicas e vibrações de rádio, foram capazes de, a princípio, causar pequenos tremores de terra e ressacas marítimas. Ao longo dos anos, outros países passaram a desconfiar da recorrência desses fenômenos nos mesmos locais. Como os boatos já corriam soltos dando força aos rumores, a Rússia e a China passaram a investir em pesquisas e, posteriormente, no mesmo tipo de tecnologia: quilômetros e quilômetros de antenas enfiadas na terra a centenas de metros, apontadas para a ionosfera terrestre. Daí para os primeiros ataques foi apenas questão de tempo. No início, ninguém ousou acreditar que se tratava do começo da terceira guerra. Tudo parecia estar mais relacionado ao efeito estufa, aquecimento global ou a qualquer outro motivo de ordem ecológica. Os primeiros tsunamis arrasaram pequenas aldeias e cidades de pouca expressão econômica, o que, hoje, sabemos que foram apenas testes, mas não aleatórios. Com o tempo, lugares de maior

destaque internacional começaram a sofrer com tufões, tsunamis e terremotos. Tudo isso fez com que muitos países, literalmente, quebrassem.

O terror se instalou, mas nenhum governo havia se pronunciado até então. Somente quando a China fez seus primeiros testes com resultados satisfatórios é que tudo deixou de ser conspiração e se tornou realidade. Em um dia nada belo, o imperador chinês se pronunciou, chamando a população mundial a conhecer a verdade: a existência de uma arma geofísica capaz de recriar com exatidão fenômenos da natureza. Mais que isso, declarou que os Estados Unidos eram responsáveis por inúmeras tragédias ao redor do mundo e elencou ataque por ataque, comprovando que todos os países cujas cidades foram devastadas tinham posições contrárias aos interesses americanos. Logo, tudo não passara de represália. A revolta acertou em cheio cada uma das pessoas que, tomadas de indignação, mal perceberam o tamanho daquele pronunciamento. Quando a China provocou o primeiro tsunami arrasando metade da Califórnia, a população só faltou aplaudir.

Por pouco o mundo não chegou ao fim após tantos ataques, que só diminuíram quando a Rússia ameaçou se juntar à China. Os Estados Unidos, mesmo sendo donos da maior parte da tecnologia, acabaram se encolhendo com a possibilidade dessa aliança. Temerosos com a nova situação, propuseram um acordo. As três nações, detentoras do que poderia ser o fim da humanidade, riscaram o globo terrestre dividindo o que sobrara do mundo em três, tornando-se donos do que antes era livre.

A humanidade teve de aprender a viver calada sob a ditadura. Anos de miséria e repressão se passaram até surgirem os primeiros ataques rebeldes. Parte das forças armadas de diversos países se uniu, formando um grupo guerrilheiro. Enquanto os governos permaneciam divididos, envolvidos em ameaças e disputas de terra, a

guerrilha era única. Uma parte da população unida contra o poder tirano que os assolava. O primeiro ataque feito pela resistência foi o mais poderoso de todos: incontáveis estações de antenas foram destruídas pelos mesmos aviões que as protegiam. Depois disso, as estações restantes foram protegidas por um campo magnético que, embora não possa ser visto, são como escudos que as protegem de qualquer tipo de artilharia.

Desde então, há a guerra entre as três nações mais poderosas, a guerra da resistência contra os ditadores e a guerra da população, que luta para sobreviver.

Foi nesse cenário que eu nasci. A tecnologia que eu conheço, embora ainda exista, não é nem sombra da poderosa arma que devastou o mundo. Muitas estações foram destruídas e custaria bilhões reconstruí-las, dinheiro esse que país nenhum tem condições de gastar por conta da recessão atual. Mesmo assim, ainda vivemos na ditadura. As ruas são tomadas por militares e tudo é controlado: sistemas de comunicação, livros, programas de TV e até a nossa comida. Nenhuma das nações dominantes quer perder território, e por isso ainda estamos em guerra.

Sou filha de americanos. Minha mãe morreu assim que eu nasci, como se eu precisasse de mais esse trauma para carregar. Meu pai é militar e eu não o vejo há muitos anos. Provavelmente não o verei de novo já que, em seu único ato de amor, comprou novas identidades para mim e meu irmão, nos enviando ainda crianças para o Brasil, território dominado pelas forças armadas dos Estados Unidos.

Apesar de saber que meu pai é parte ativa da ditadura, confesso que me comove a lembrança dele parado no hangar, com os olhos fixos no avião enquanto partíamos. Sei que foi um ato absolutamente fraternal nos deixar de fora de toda a sujeira em que ele já estava metido até o nariz. Além disso, ele sabia que viver no

mundo é perigoso para qualquer um, mas ser filho de um militar americano, russo ou chinês é estar praticamente na linha de batalha. Então, seu ato benevolente nos garantiu uma vida medíocre, mas anônima.

Vivíamos em uma fazenda localizada no interior da região sul do continente americano. Passávamos a maior parte do tempo lá, mas em alguns momentos ficávamos de um lado para outro, em uma típica vida de sobrinhos órfãos de uma enorme família brasileira. Ficávamos nos dividindo entre os integrantes da família Martins até que pudéssemos seguir a vida sozinhos. Henry, por ser mais velho, se livrou antes. Foi para a faculdade, mas nunca se formou. Sempre metido em confusões políticas, vivia se mudando e, por isso, nunca pôde me receber, embora eu insistisse muito.

Não faço ideia de quanto meu pai pagou para que nos abrigassem, mas acredito que tenha sido mais do que dinheiro. Não havia afeto, mas houve boas escolas, excelentes roupas e muito conforto.

Tive que estudar em uma universidade militar, em regime fechado. Infelizmente, isso custou muita informação distorcida, lavagem cerebral e convivência com gente robotizada. Precisei comprar livros contrabandeados, conhecer o submundo no qual se traficava todo tipo de droga, jornais, revistas e até imagens de programas que passavam antes dos canais de televisão serem propriedades do governo. Aprendi a viver sozinha, falar pouco, escutar muito e esperar pelo dia em que o mundo explodisse de vez.

Sou especialista em história da arte, talvez a única história real por aqui. Tenho um atelier e meu diploma me garantiu um emprego em uma das instalações militares com soldados traumatizados pela guerra. Tento fazê-los se expressar de alguma

maneira, já que nenhum deles fala, apesar de não existir nenhuma deficiência física que os impeça.

Vivemos em um mundo onde todas as cartas estão na mesa. A situação, embora caótica, é quase normal, comum: a guerrilha vivendo escondida pelos buracos, lutando como pode, e o governo sobrevoando nossas cabeças. Sabemos o quê e a quem temer.

Quem nasceu nesse novo mundo diria até que estamos em período de paz. Há décadas nenhuma antena é ativada e as cotas de alimentos nunca foram tão generosas. Contudo, alguma coisa paira no ar como um mau presságio, e de alguma maneira esperamos por mais, algo ainda pior.

É esse o mundo de hoje, e esse é o cenário da minha história.